



O trabalho do
A M O R
parte I

Coordenadora editorial: Catalina Pagés

Assistente editorial: Maria Eduarda Gomes

Revisão: Beatriz Gross

Revisão de projeto: Roberto Mesquita e Débora Nascimento

Projeto gráfico: Jakson Alves

Capa: Borboletas e Papoulas - Vincent van Gogh - Saint-Rémy-de-Provence, França - 1988 - Museu van Gogh - Amsterdan - Holanda

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

O trabalho do amor : parte I / coordenação
Catalina Pagés. -- São Paulo, SP :
Instituto Braudel, 2022. -- (O trabalho do amor)

Bibliografia.

ISBN 978-85-62780-04-2

1. Amor na literatura 2. Cartas - Coletâneas
3. Contos - Coletâneas I. Pagés, Catalina. II. Série.

22-114017

CDD-809.933543

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor na literatura : História e crítica
809.933543

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

*Amor ao trabalho
Amor às pessoas
Amor à vida
Do amor de ontem
Ao amor de hoje
O que mudou?
Muda o amor?*



Índice

Apresentação 5

Eveline: James Joyce 7

Cartas: a história continua 13

Reflexões 18

A desejada das gentes: Machado de Assis 21

Reflexões 31

Guerra e Paz - Nicolai e Mária: Liev Tolstói 32

Reflexões 44

Bibliografia 52

Apresentação

O amor constitui uma oportunidade sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo, tornar-se um mundo, tornar-se um mundo para si mesmo por causa de uma outra pessoa; é uma grande exigência para o indivíduo, uma exigência irrestrita, algo que o destaca e o convoca para longe.

Rainer Maria Rilke – Cartas a um jovem poeta

O amor é tema permanente de poetas, filósofos e escritores ao longo dos tempos, e pensar nas dimensões do amor continua sendo de importância vital.

Agrupamos os contos “Eveline”, de James Joyce, “A desejada das gentes”, de Machado de Assis e os capítulos da obra *Guerra e Paz*, de Tolstói sobre Nicolai e Mária, que são referências valiosas para refletir sobre o amor, tema tão essencial em nossas vidas. Nos textos reunidos, encontramos personagens que, apesar de sentirem o chamado do amor, não conseguiram se lançar à aventura, e outros que se entregaram por confiar na intensidade do amor.

Ao ler essas obras, encontramos nos personagens diferentes experiências do amor, perspectivas que se abrem como as luzes da manhã, iluminando o dia. Nesse percurso, conhecemos as obras de grandes artistas e pensadores, que se debruçaram sobre o tema do amor e mostram a sua importância na construção do nosso ser e, consequentemente, da sociedade.

A autora bell hooks fala da sua preocupação com a geração de jovens que têm medo de se entregar ao amor, pois procuram intimidades sem risco e prazer sem investimento emocional. O sociólogo Zygmunt Bauman também escreve sobre este tema na obra *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* e revela como os relacionamentos no

mundo moderno são vistos cada vez mais como descartáveis, já que os indivíduos buscam uma relação amorosa, mas não conseguem assegurar os compromissos da real intimidade, permanecendo na superfície e evitando um mergulho mais profundo.

Se o momento atual aponta para a liquidez das relações, recorremos a esses escritores que nos lembram do amor como uma possibilidade única de realização do ser em sociedade.



Eveline

James Joyce

Sentada à janela, assistia ao poente invadir a avenida. Cabeça apoiada nas cortinas, tinha nas narinas o cheiro do cretone empoeirado. Estava cansada.

Pouca gente passava. O homem lá do fim da rua passou voltando para casa; ela ouviu seus passos estalarem na calçada de concreto e depois estralejarem na trilha de pedrisco da frente das casas vermelhas novas. Um dia houve ali um campo onde eles brincavam toda tarde com os filhos dos outros. Aí um homem de Belfast¹ comprou o campo e ergueu casas – não como as casinhas marrons deles, mas casas de tijolos de cor viva e telhados reluzentes. As crianças da avenida brincavam juntas naquele campo – os Devine, os Water, os Dunn, o aleijadinho do Keogh, ela e seus irmãos e irmãs. Ernest, no entanto, nunca ia brincar: era grande demais. O pai dela vivia enxotando todos eles do campo com aquela bengala de abrunheiro²; mas normalmente o menino dos Keogh ficava de atalaia e gritava quando via que o pai dela estava chegando. Ainda assim parecia que eles tinham sido bem felizes naquele tempo. O pai dela não era tão mau naquela época; e além de tudo a mãe estava viva. Isso foi há muito tempo atrás; ela e seus irmãos e irmãs já estavam todos crescidos, sua mãe estava morta. Tizzie Dunn também estava morta, e os Water tinham voltado para a Inglaterra. Tudo muda. Agora ela ia embora como os outros, ia sair de casa.

Casa! Ela olhou toda a sala, repassando todos os objetos conhecidos que tinha esperado uma vez por semana por tantos anos, pensando de onde é que podia lhe aparecer tanto pó. Talvez ela nunca mais fosse ver aqueles objetos conhecidos de que nunca tinha sonhado se ver separada. E no entanto, durante esses anos todos ela jamais chegara a descobrir o nome do padre cuja foto amarelada estava na parede em cima do harmônio quebrado ao lado da gravura colorida das promessas feitas à Beata Margarida Maria Alacoque³. Era um amigo de escola do pai dela. Toda vez que mostrava a foto a uma visita, o pai dava um jeito de deixar isso claro com uma informação casual:

¹ Belfast fica no norte da Irlanda, o que na época sugeria protestantismo e favorecimento dos ingleses.

² Madeira associada à magia negra na mitologia irlandesa.

³ Canonizada em 1920. Seus fiéis comungavam sempre na primeira sexta-feira do mês.

— Ele agora está em Melbourne.

Tinha aceitado ir embora, sair de casa. Será que tinha feito bem? Tentou pesar ambos os lados da questão. Em casa pelo menos tinha abrigo e tinha comida; tinha as pessoas que conheceu a vida toda ali à sua volta. Claro que tinha que trabalhar duro tanto em casa quanto no emprego. O que é que iam dizer dela nas Lojas⁴ quando descobrissem que tinha fugido com um rapaz? Dizer que era uma boba, talvez; e a sua vaga seria anunciada nos classificados. A srta. Gavan ia ficar contente. Sempre falava cortante com ela, especialmente quando tinha gente ouvindo.

— Srta. Hill, a senhorita não está vendo essas senhoras aqui esperando?

— Acorde, srta. Hill, faça-me o favor.

Ela não ia derrubar muitas lágrimas por sair das Lojas.

Mas na sua casa nova, numa terra distante e desconhecida, não ia ser assim. Então ela ia ser uma mulher casada – ela, Eveline. As pessoas iam tratá-la com respeito então. Não seria tratada como a mãe tinha sido. Mesmo agora, apesar de ter passado dos dezenove, ela às vezes se sentia ameaçada pela violência do pai. Sabia que era isso que a deixava com palpitações. Quando eles eram menores, ele nunca tinha caído em cima dela, como caía em cima do Harry e do Ernest, porque ela era menina; mas nos últimos tempos tinha começado a ameaçar e dizer que só ia cuidar dela em nome da memória da mãe. E agora ela não tinha mais quem a protegesse. Ernest estava morto e Harry, que trabalhava no ramo de decoração de igrejas, estava quase sempre em algum lugar no interior. Além de tudo, aquela briga toda por causa de dinheiro nos sábados à noite tinha começado a lhe dar nos nervos de um jeito... Ela sempre dava tudo que ganhava – sete xelins – e o Harry sempre mandava o que podia, mas o problema era conseguir algum dinheiro com o pai. Ele dizia que ela gastava sem pensar, que não tinha cabeça, que ele não ia lhe dar seu dinheirinho suado para ela torrar na rua, e muito mais, pois ele normalmente estava bem torto no sábado à noite. No fim, ele lhe dava o dinheiro e perguntava se por acaso ela tinha algu-

4 Como era conhecido o estabelecimento dos irmãos Pim, quacres que vendiam tecidos e mobília no centro de Dublin.

ma intenção de comprar o almoço de domingo. Aí ela precisava sair o mais rápido que podia para fazer as compras, segurando bem apertada a bolsinha de couro enquanto abria caminho entre a multidão e voltando tarde para casa com um pesado fardo de mantimentos. Era duro manter aquela casa e cuidar para que as duas crianças novinhas que estavam agora sob sua responsabilidade fossem regularmente à escola e comessem regularmente. Era duro – uma vida dura –, mas, agora que estava prestes a abandonar tudo aquilo, ela não achava que fosse uma vida totalmente indesejável.

Estava prestes a explorar uma outra vida com Frank. Frank era muito afável, másculo, de coração aberto. Ela ia embora com ele no barco noturno para ser sua esposa e morar com ele em Buenos Aires, onde ele tinha uma casa pronta para ela. Como ela lembrava bem a primeira vez que o viu; ele estava hospedado numa casa na rua principal, onde ela às vezes passava. Parecia que foi há poucas semanas atrás. Ele estava parado no portão, boné pontudo empurrado bem para trás e cabelo caído sobre um rosto de bronze. Aí eles foram se conhecendo. Ele a encontrava na frente das Lojas toda tardinha para acompanhá-la até em casa. Ele a levou para ouvir *A Boêmia*⁵ e ela se sentiu exultante ali sentada numa parte estranha do teatro com ele. Ele gostava demais de música e cantava um pouquinho. As pessoas sabiam que eles estavam flertando e, quando ele cantava aquela da moça que ama um marujo⁶, ela sempre se sentia confusa de um jeito gostoso. Ele a chamava de Nânia só de brincadeira. Para começar, foi uma coisa empolgante para ela, ter um namorado, e aí começou a gostar dele. Ele tinha histórias de terras distantes. Tinha começado de grumete ganhando uma libra por mês⁷ num navio da linha Allan que ia para o Canadá. Ele lhe contou os nomes dos navios em que esteve embarcado e os nomes dos vários serviços.

Tinha passado pelo estreito de Magalhães e lhe contou histórias dos terríveis patagões. Tinha conseguido se estabelecer em Buenos Aires,

5 *The Bohemian Girl*, ópera ligeira (1843) de Michael William Balfe (1808-70).

6 “*The Lass that Loves a Sailor*”, canção de Charles Dibdin (1745-1815).

7 Provavelmente com alimentação e pouso incluídos a bordo, não se trata de tão pouco dinheiro.

ele disse, e estava aqui na terrinha só de passagem. É claro que o pai dela tinha descoberto tudo e proibido que ela tivesse qualquer coisa com ele.

— Eu conheço esses marinheiros — ele disse.

Um dia ele brigou com Frank e depois disso ela teve que encontrar o amado em segredo.

O poente aprofundava na avenida. O branco de duas cartas no colo dela foi ficando indistinto. Uma era para Harry; a outra para o pai. Ernest era o favorito, mas ela gostava do Harry também. O pai estava ficando velho ultimamente, ela percebia; ia sentir saudade dela. Às vezes ele sabia ser bem simpático. Não muito tempo antes, quando ela passou um dia de cama, ele leu uma história de fantasmas para ela e preparou torradas para ela na lareira. Num outro dia, quando a mãe ainda estava viva, eles todos foram para um piquenique no morro de Howth. Ela lembrava que o pai tinha posto a touca da mãe para fazer as crianças rirem.

A hora estava se aproximando, mas ela continuava ali sentada à janela, com a cabeça apoiada na cortina, sentindo o cheiro do cretone empoeirado. Longe lá na avenida podia ouvir um realejo tocando. Ela conhecia a música. Estranho ela vir bem naquela noite para fazê-la lembrar da promessa feita à mãe, a promessa de manter a casa de pé enquanto pudesse. Ela lembrou a última noite da doença da mãe; estava de novo no quarto escuro e abafado do outro lado do corredor e lá fora ouvia uma melancólica música italiana. Tinham mandado o tocador de realejo ir embora e dado para ele seis pence⁸. Ela lembrou do pai ter entrado firme no quarto da doente dizendo:

— Esses desgraçados desses italianos! Até aqui! — Enquanto divagava, a triste visão da vida da mãe tomou posse da própria essência do que ela era — aquela vida de sacrifícios ordinários que se encerrara com a loucura dos últimos dias. Ela tremeu ao ouvir de novo a voz da mãe dizendo com uma insistência tola:

— Derevaun Seraun! Derevaun Seraun!⁹

⁸ Um ou dois pence seriam o mais normal.

⁹ Quase certamente gaélico engrolado. Já se defendeu que essas palavras significam “O fim do prazer é a dor”, ou ainda “O fim da canção é a loucura total”.

Levantou num súbito impulso de pânico. Fugir! Tinha que fugir? Frank seria o salvador. Ele lhe daria uma vida, quem sabe amor, também. Mas ela queria viver. Por que teria que ser infeliz? Tinha direito de ser feliz. Frank a receberia num abraço, ele a envolveria num abraço. Ele seria a salvação.

Lá estava no meio do povo irrequieto da estação de North Wall. Ele lhe segurava a mão e ela sabia que ele estava falando com ela, dizendo alguma coisa sobre a passagem, repetidamente. A estação estava cheia de soldados com bagagens marrons. Pelas largas portas dos galpões ela pôde entrever o volume negro do barco, aportado junto ao muro do cais, com vigias iluminadas. Ela não respondeu. Sentia o rosto pálido e frio e, do meio de um labirinto de aflição, pedia a Deus que a conduzisse, que lhe mostrasse qual era seu dever. O barco soltou longo assvio pesaroso na neblina. Se ela fosse, amanhã estaria em alto-mar com Frank, indo a vapor para Buenos Aires. A passagem dos dois estava comprada. Será que ela ainda podia desistir depois de tudo que ele tinha feito por ela? A aflição despertou em seu corpo uma náusea, e ela ficava mexendo a boca numa silente oração fervorosa.

Um sino dobrou-lhe o peito. Ela sentiu que ele pegava a sua mão:

— Vem!

Todos os mares do mundo se reviravam em seu peito. Ele a estava arrastando para eles: ele iria afogá-la. Ela agarrou com as duas mãos o corrimão de metal.

— Vem!

Não! Não! Não! Era impossível. As mãos dela se agarravam alucinadas ao ferro. Do meio dos mares ela soltou um grito de angústia!

— Eveline! Evvy!

Ele correu para passar pela barreira e chamou para ela vir com ele. Gritaram para ele ir de uma vez, mas ele ainda a chamava. Ela fixou nele seu rosto alvo, passiva, como um animal desamparado. Os olhos dela não lhe davam nenhum sinal de amor, adeus ou reconhecimento.

Cartas: a história continua

A história de Eveline toca profundamente os jovens, porque se identificam com ela, dramatizam sua história... No conto, a jovem se sentia completamente sozinha e Frank partiu sem ela para a viagem sem entender por que a amada ficou no porto paralisada. Há pessoas que em momentos delicados conseguem mobilizar recursos para lidar com as situações difíceis, mas no caso de Eveline havia uma força contrária que a impedia de seguir em frente, de começar uma nova vida.

Demos continuidade à obra de James Joyce em busca de amparo para os dois personagens, que se distanciam no final da história sem compreender o porquê. No momento presente, vivemos o que nos é possível viver, depois precisamos rememorar, contar e (re)contar o que aconteceu, só assim processamos o que foi vivido, que se torna experiência e passa a fazer parte da nossa história. Como diz Freud: “É preciso recordar, repetir, elaborar”.

Carta de Frank para Eveline

Buenos Aires, 10 de setembro de 1904

Eveline, preciso te contar o que aconteceu comigo naquele transatlântico. Eu estava desolado, olhava para a sua passagem e não conseguia entender... Por que você não estava comigo?

Havíamos planejado juntos durante tanto tempo a nossa vida em Buenos Aires, eu estava decidido a mudar de vida. Você sabe que foi a primeira mulher com quem eu realmente imaginei que poderia viver a vida inteira. Sentia que você me amava e esse sentimento era maravilhoso, me dava tanta segurança.

De repente me encontrava só, naquele imponente transatlântico. Com o passar dos dias, as pessoas foram se agrupando, parecia que se conheciam de toda a vida. Para mim, era desolador. Eu não conseguia falar com ninguém, estava completamente paralisado. Até que

algo muito estranho aconteceu: uma senhora se aproximou, não sei exatamente como foi, mas, de repente, comecei a contar tudo para ela: da minha infância, do nosso amor, de nossos planos para o futuro e mostrei para ela a sua passagem... Sim, sim, sim, eu precisava mostrar para ela a passagem, uma prova de que você existia realmente. Tinha medo de que tudo isso pudesse ter sido um delírio, de que ela não acreditasse em mim. Em alguns momentos, eu mesmo pensava que tudo poderia ter sido uma criação da minha cabeça, um delírio da minha necessidade, da minha vontade de ser amado. Sim, Eveline, antes de ter o seu amor, eu nunca tinha sido amado, eu não conhecia aquela entrega. Quando estávamos juntos, esquecíamos do tempo, não era preciso dizer ou fazer nada. Só de olhar para você eu me sentia feliz. Aquela senhora deixou que eu falasse, falasse... Emanava dela uma profunda tranquilidade. Olhou para mim como se já me conhecesse e me contou que, no passado, ela já tinha sido uma Eveline.

Foi então que ela me disse:

“Aguarde aqui um momento, vou ao meu camarote buscar uma coisa”

Ela retornou com um livro e me contou que sempre o carregava em sua bolsa, como um talismã. O livro era Cartas a um jovem poeta, de Rilke. A primeira página aberta por ela dizia: “é preciso você viver a sua solidão, é preciso você se conhecer”. Na carta seguinte o autor lembrava que “os jovens são imaturos em tudo e, por isso, são imaturos também no amor, é preciso se conhecer primeiro”; já em outras cartas ele diz que “a vida sempre tem razão” e que, “se o mundo não te parece suficientemente belo, é porque você não é suficientemente poeta”. Fomos lendo juntos as passagens desse livro e por fim ela me deu sua edição de presente, para que eu sempre pudesse voltar às cartas.

Embora algumas delas parecessem ter sido escritas para mim, confesso que não entendia muito bem todas elas. Depois de muitas leituras, finalmente comprehendi, ou pelo menos acho que comprehendi, o motivo dessa senhora ter me presenteado com seu livro naquele dia. Sou muito jovem. Você também é muito jovem. A vida é tão bonita, temos tanto a aprender que a paciência, a calma e a solidão nem sempre parecem amigas, mas foram elas que me ajudaram a entender. Não foi fácil, por isso demorei tanto para enviar esta carta, depois de pensar

muitas vezes sobre ela e sobre o que eu queria te dizer. Infelizmente ainda não consigo escrever como eu queria, e além disso uma carta não seria o suficiente para te contar tudo o que aprendi sobre mim, sobre nós. Por isso te envio também o livro de Rilke, que foi para mim um talismã. Espero que seja para você também.

*Com carinho,
Frank¹*

Resposta de Eveline à carta de Frank

Meu querido Frank,

Primeiramente, peço que me desculpe pela demora em responder a sua carta. Antes de conseguir escrever eu passei por um longo processo em busca de sentido para as coisas não vividas, desconhecidas pela minha razão, como sofri para reconhecer a minha alma, que há tempos padecia de fome de vida – eu não a sentia, não como parte de mim. Te confesso que, por muitas vezes, achei que não tinha uma. E como escrever? Como traduzir em palavras o indizível? Como expressar o que para mim simplesmente não era? Apenas ausência, o mais completo vazio.

Espero sinceramente conseguir justificar a razão da demora!

Não respondi antes porque precisava primeiro encontrar respostas para as minhas próprias perguntas. Nem mesmo o sábio tempo foi capaz de me explicar, mas o livro, as cartas, tudo falava “que a vida sempre tem razão”, “que devemos confiar e apostar na vida”.

Eu estava presa nessa dor, mas as cartas do Rilke me ensinaram a viver a dor, e que vivida torna-se efêmera, como as plantas indesejadas, quando o solo se torna infértil para elas, suas raízes desfalecem e a ferida é curada. Eu entendi que amar os meus não pode anular meu amor-próprio, foi interessante ler sobre as heranças e todas aquelas dores das quais eu me apossei. Agora essas coisas fazem sentido, e eu

¹ Carta escrita por Catalina Pagés, diretora do Programa Círculos de Leitura

não me entregava porque eu não podia e precisava romper com tanta dor, tantas amarras que não me permitiam viver nem confiar na vida. Ao contrário do que eu acreditava, a felicidade também poderia ser para mim. O determinismo que eu nutria em mim me afastava da vida, como que se o meu destino fosse escrito por outra pessoa, que não me conhecia, sem que sequer houvesse minha participação, ou alguma consideração. Fruto do acaso, um acaso que não enxergava em mim méritos suficientes para viver o amor.

Frank, você foi a única pessoa nessa vida que me mostrou o que era amor, ensaiamos, mas meu maior pesar foi não termos gestado esse amor. Um amor que não floresce ou se acaba pode levar a duras consequências, no meu caso, a consequência foi uma não vida, o tempo me deu as costas e me deixou sem suas referências, dias como anos, anos em dias e eu não percebia o passar das estações, órfã de tempo, sem futuro, passado e indigna de qualquer presente da vida.

Passei anos morando na dor daquilo que poderia ter sido amor e me esquecera de qualquer outro sentimento. Sua carta me chegou como um respiro para alguém que se afogava em solidão, me deixou aliviada por saber que você está bem e mesmo com as dificuldades conseguiu se encontrar e viver a vida.

Aquela imagem do porto! Alguns dias sonhava, revivia aquele momento e ouvia sua voz me chamar “Eveline, Eveline”!

Depois daquele dia, que nunca anoiteceu, nunca mais tive uma noite de sono, nas primeiras noites eu pensava se você tinha sobrevivido, se seguiu viagem para Buenos Aires ou se trocou suas passagens e mudou sua rota, voltou para a vida de antigamente, descrente, sem se permitir amar ou desejar viver o amor com alguém, criar raízes... Teria voltado a viajar, conhecer mulheres diferentes, um corpo para cada porto e relações superficiais?

Passado algum tempo, comecei a imaginar os traumas que eu havia lhe causado, em qual tipo de pessoa teria o transformado, que desservi ao amor eu prestei! Coloquei no mundo mais um desalentado, alguém que não confiava mais na vida e nunca mais mergulharia para viver o que há nas profundezas dos sentimentos.

Como se fosse hoje, eu me lembro o momento em que recebi sua

carta, quando li o remetente, não acreditei! Precisei de alguns dias para criar coragem e abrir. Nesses dias minhas noites foram de lágrimas, chorei copiosamente, o medo das coisas que me diria não me deixava abrir o envelope.

Uma noite criei coragem e abri, li todas as páginas rapidamente, minha alma parecia o estômago de alguém que perece de fome, eu lia e relia cada parágrafo. O peso do remorso foi se afastando de mim, minha principal dor era de pensar o que fora feito da sua vida, pois para mim... Ahh! Para mim, já sabia! O amor era como uma roupa que não me servia, não era para mim, porém ao ler a carta tudo começou a se assentar, o mar tempestuoso de sentimento se abrandou, se fez uma calmaria em mim. Foi o momento em que comecei a ler o livro que me enviou. E assim o fiz, todas as noites, durante muito tempo... corria com os meus afazeres de casa e do trabalho, não via a hora de voltar para casa e poder ler, a leitura era agora o único momento em que eu me sentia em paz, de certa forma havia algo de você, mas depois não eram mais possibilidades e sonhos, eu comecei a me sentir mais próxima de mim. Depois de muitas vezes ler esse livro eu senti que não estávamos prontos, à época não me sentia, e de fato não estava pronta, meus medos, traumas, tudo que fora mais forte que eu, me impediam de enxergar tudo isso.

Te escrevo também para agradecer o talismã, te pedir perdão, se puder, e te contar que mais uma vez me ajudou. Através da leitura de sua carta e do livro eu pude me perdoar.

A noite em que essas coisas fizeram sentido para mim foi mágica, novamente lia o livro e perdi a noção da hora, algo de divino acontecia, o tempo deixou de existir, mas não era ausência, depois de longos invernos, agora o tempo me dava o meu tempo. Peguei no sono, um sono leve, mas profundo, como nunca havia dormido.

Nessa noite eu sonhei com você, mas era diferente, tão real. No sonho eu embarcava e vivíamos a nossa viagem, nos jantares você me sorria, dançávamos! Tínhamos nossa música, que você sempre pedia para a orquestra, as pessoas eram agradáveis, casais comemorando bodas e nós nos imaginávamos velhinhos e fazíamos planos. Quando queríamos ficar a sós, saímos para ver as estrelas e quando chovia nos

abrigávamos no seu casaco. O sonho era tão mágico que tive a impressão de que se passaram dias.

Quando menos percebi, se fez manhã e despertei. Sentia-me bem, como alguém que recebe seu próprio perdão, e fiz as pazes com o tempo.

Do fundo do coração te desejo a felicidade de uma vida inteira.

*Com amor,
Eveline²*

Reflexões

No conto “Eveline”, de James Joyce, a jovem protagonista precisa tomar uma decisão que pode alterar o rumo de sua vida. Eveline vive um momento de profunda hesitação e se encontra dividida entre o desejo de se libertar da opressão que vivia e o medo de se lançar ao amor.

Frank, como o próprio nome revela, é um homem franco, sincero, e deseja levar Eveline para Buenos Aires, um ambiente oposto ao que ela vivia. Ele se apaixonou por ela e ofereceu à jovem uma nova possibilidade de vida, longe das obrigações impostas pela família. Ao mesmo tempo que está maravilhada com as histórias do marinheiro Frank e o futuro que ele promete, Eveline vive assombrada pelas lembranças da mãe, já falecida. A jovem sente uma obrigação em manter o lar e cuidar do pai e dos irmãos.

Acompanhamos na história o conflito interno de Eveline: devo ir ou devo ficar? A família e a casa representam a manutenção da vida opressiva. Porém, Eveline não se sentia feliz vivendo naquelas condições, e o namorado representava um novo sentido para a vida. Na análise das pesquisadoras Daniella Coelho e Vera Lucia Vianna, a estrutura social impede Eveline de tomar suas próprias decisões:

Nesse sentido, o peso da família de Eveline impõe-se claramente, não como um laço afetivo, mas como um dever. Ela está diante de uma escolha entre ela mesma e o início de uma relação pessoal arriscada e incerta, que lhe exige entrega, logo, “confiança”,

² Carta escrita por Moisés Caetano, alumno voluntário do Programa Círculos de Leitura

e a manutenção de uma zona de conforto, por significar a manutenção do previsível, a proteção de “novos riscos”. (p. 91)

No final do conto, Eveline decide ir ao encontro de Frank no porto, mas não consegue entrar no navio e realizar seu sonho de uma nova vida. Ela fica aprisionada (“Agarrou-se com as duas mãos às grades de ferro.”) e não pode tomar uma atitude. Ela não consegue partir porque partir é como morrer. Se lançar ao amor era como se lançar ao mar: algo impossível para ela. Apesar de ter preparado sua partida escrevendo uma carta para o pai e outra para o irmão, no momento decisivo não foi possível concretizar o seu desejo. Conscientemente ela desejava partir, mas emocionalmente não estava preparada. O ambiente em que Eveline viveu não a preparou para a vida, para que ela pudesse viver suas próprias escolhas.

O bruxo do Cosme Velho, nosso Machado de Assis, no conto “A desejada das gentes”, nos apresenta uma outra personagem. Quintília revela seu drama em seu próprio nome. De acordo com o dicionário Aurélio, Quintília significa “estrofe de cinco versos” e tem origem na combinação etimológica “quinto + ilha”, indicando algo cercado e simultaneamente isolado. Ao mesmo tempo que vivia seduzindo pretendentes com seu riso que era como “o clarim que chamava os cavaleiros”, permanecia isolada sem se envolver emocionalmente com nenhum deles.

Quintília e Eveline tinham em comum o medo de se lançar ao amor, mas, diferente de Eveline, Quintília não tinha consciência desse medo. Ela representa o amor superficial, ou líquido como diz Bauman. Essa aparente superficialidade esconde um medo profundo de viver a intensidade do amor. Conselheiro é o pretendente que narra a história e que permaneceu com ela aceitando a amizade que lhe oferecia, mas esperando sempre que um dia ela se entregasse ao amor.

Ele nos conta a história reelaborando em busca de compreensão. Apenas quando Quintília estava doente, Conselheiro compreendeu o que a impedia de se entregar e viver o casamento. Assim como Eveline, ela estava aprisionada nas histórias trágicas de amores não realizados. Ao se aproximar de Quintília, ele descobriu que quando lia histórias de

amor ela não as entendia. “Foi então que a estudei muito; escutando as suas leituras vi que os livros puramente amorosos achava-os incompreensíveis, e, se as paixões aí eram violentas, largava-os com tédio. Não falava assim por ignorante; tinha notícia vaga das paixões, e assistira a algumas alheias.” A vida não vivida, a energia aprisionada no corpo, se transformou em doença e a levou para a morte. Nas palavras de Reiner Maria Rilke: “Essas tristezas se acumulam no íntimo e constituem a vida, constituem uma vida não vivida, desdenhada, perdida, de que se pode morrer. Se nos fosse possível ver além do alcance do nosso saber, e ainda um pouco além da obra preparatória do nosso pressentimento, talvez suportássemos as nossas tristezas com mais confiança do que nossas alegrias”.



A desejada das gentes

Machado de Assis

— Ah! Conselheiro, aí começa a falar em verso.

— Todos os homens devem ter uma lira no coração, — ou não sejam homens. Que a lira ressoe a toda a hora, nem por qualquer motivo, não o digo eu, mas de longe em longe, e por algumas reminiscências particulares... Sabe por que é que lhe pareço poeta, apesar das Ordenações do Reino e dos cabelos grisalhos? é porque vamos por esta Glória adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros... Lá está o uteiro célebre... Adiante há uma casa...

— Vamos andando.

— Vamos... Divina Quintília! Todas essas caras que aí passam são outras, mas falam-me daquele tempo, como se fossem as mesmas de outrora; é a lira que ressoa, e a imaginação faz o resto. Divina Quintília!

— Chamava-se Quintília? Conheci de vista, quando andava na Escola de Medicina, uma linda moça com esse nome. Diziam que era a mais bela da cidade.

— Há de ser a mesma, porque tinha essa fama. Magra e alta?

— Isso. Que fim levou?

— Morreu em 1859. Vinte de abril. Nunca me há de esquecer esse dia. Vou contar-lhe um caso interessante para mim, e creio que também para o senhor. Olhe, a casa era aquela... Morava com um tio, chefe de esquadra reformado, tinha outra casa no Cosme Velho. Quando conheci Quintília... Que idade pensa que teria, quando a conheci?

— Se foi em 1855...

— Em 1855.

— Devia ter vinte anos.

— Tinha trinta.

— Trinta?

— Trinta anos. Não os parecia, nem era nenhuma inimiga que lhe dava essa idade. Ela própria a confessava e até com afetação. Ao contrário, uma de suas amigas afirmava que Quintília não passava dos vinte e sete; mas como ambas tinham nascido no mesmo dia, dizia isso para diminuir-se a si própria.

— Mau, nada de ironias; olhe que a ironia não faz boa cama com a saudade.

— Que é a saudade senão uma ironia do tempo e da fortuna? Veja

lá; começo a ficar sentencioso. Trinta anos; mas em verdade, não os parecia. Lembra-se bem que era magra e alta; tinha os olhos como eu então dizia, que pareciam cortados da capa da última noite, mas apesar de noturnos, sem mistérios nem abismos. A voz era brandíssima, um tanto apaulistada, a boca larga, e os dentes, quando ela simplesmente falava, davam-lhe à boca um ar de riso. Ria também, e foram os risos dela, de parceria com os olhos, que me doeram muito durante certo tempo.

— Mas se os olhos não tinham mistérios...

— Tanto não os tinham que cheguei ao ponto de supor que eram as portas abertas do castelo, e o riso o clarim que chamava os cavaleiros. Já a conhecíamos, eu e o meu companheiro de escritório, o João Nóbrega, ambos principiantes na advocacia, e íntimos como ninguém mais; mas nunca nos lembrou namorá-la. Ela andava então no galarim; era bela, rica, elegante, e da primeira roda. Mas um dia, no antigo Teatro Provisório entre dois atos dos Puritanos, estando eu num corredor, ouvi um grupo de moços que falavam dela, como de uma fortaleza inexpugnável. Dois confessaram haver tentado alguma coisa, mas sem fruto; e todos pasmavam do celibato da moça que lhes parecia sem explicação. E chalaceavam: um dizia que era promessa até ver se engordava primeiro; outro que estava esperando a segunda mocidade do tio para casar com ele; outro que provavelmente encomendara algum anjo ao porteiro do céu; trivialidades que me aborreceram muito, e da parte dos que confessavam tê-la cortejado ou amado, achei que era uma grosseria sem nome. No que eles estavam todos de acordo é que ela era extraordinariamente bela; aí foram entusiastas e sinceros.

— Oh! ainda me lembro!... era muito bonita.

— No dia seguinte, ao chegar ao escritório, entre duas causas que não vinham, contei ao Nóbrega a conversação da véspera. Nóbrega riu-se do caso, refletiu, e depois de dar alguns passos, parou diante de mim, olhando, calado. — Aposto que a namoras? perguntei-lhe. — Não, disse ele; nem tu? Pois lembrou-me uma coisa: vamos tentar o assalto à fortaleza? Que perdemos com isso? Nada, ou ela nos põe na rua, e já podemos esperá-lo, ou aceita um de nós, e tanto melhor para o outro que verá o seu amigo feliz. — Estás falando sério? — Muito

sério. — Nóbrega acrescentou que não era só a beleza dela que a fazia atraente. Note que ele tinha a presunção de ser espírito prático, mas era principalmente um sonhador que vivia lendo e construindo aparelhos sociais e políticos. Segundo ele, os tais rapazes do teatro evitavam falar dos bens da moça, que eram um dos feitiços dela, e uma das causas prováveis da desconsolação de uns e dos sarcasmos de todos. E dizia-me: — Escuta, nem divinizar o dinheiro, nem também bani-lo; não vamos crer que ele dá tudo, mas reconheçamos que dá alguma coisa e até muita coisa, — este relógio, por exemplo. Combatamos pela nossa Quintília, minha ou tua, mas provavelmente minha, porque sou mais bonito que tu.

— Conselheiro, a confissão é grave, foi assim brincando...?

— Foi assim brincando, cheirando ainda aos bancos da academia, que nos metemos em negócio de tanta ponderação, que podia acabar em nada, mas deu muito de si. Era um começo estouvado, quase um passatempo de crianças, sem a nota da sinceridade; mas o homem põe e a espécie dispõe. Conhecíamo-la, posto não tivéssemos encontros frequentes; uma vez que nos dispusemos a uma ação comum, entrou um elemento novo na nossa vida, e dentro de um mês estávamos brigados.

— Brigados?

— Ou quase. Não tínhamos contado com ela, que nos enfeitiçou a ambos, violentamente. Em algumas semanas já pouco falávamos de Quintília, e com indiferença; tratávamos de enganar um ao outro e dissimular o que sentíamos. Foi assim que as nossas relações se dissolveram, no fim de seis meses, sem ódio, nem luta, nem demonstração externa, porque ainda nos falávamos, onde o acaso nos reunia; mas já então tínhamos banca separada.

— Começo a ver uma pontinha do drama...

— Tragédia, diga tragédia; porque daí a pouco tempo, ou por desengano verbal que ela lhe desse, ou por desespero de vencer, Nóbrega deixou-me só em campo. Arranjou uma nomeação de juiz municipal lá para os sertões da Bahia, onde definhou e morreu antes de acabar o quatriênio. E juro-lhe que não foi o inculcado espírito prático de Nóbrega que o separou de mim; ele, que tanto falara das vantagens do

dinheiro, morreu apaixonado como um simples Werther.

— Menos a pistola.

— Também o veneno mata; e o amor de Quintília podia dizer-se alguma coisa parecido com isso, foi o que o matou, e o que ainda hoje me dói... Mas, vejo pelo seu dito que o estou aborrecendo...

— Pelo amor de Deus. Juro-lhe que não; foi uma graçola que me escapou. Vamos adiante, conselheiro; ficou só em campo.

— Quintília não deixava ninguém estar só em campo, — não digo por ela, mas pelos outros. Muitos vinham ali tomar um cálice de esperanças, e iam cear a outra parte. Ela não favorecia a um mais que a outro, mas era lhana, graciosa e tinha essa espécie de olhos derramados que não foram feitos para homens ciumentos. Tive ciúmes amargos e, às vezes, terríveis. Todo argueiro me parecia um cavaleiro, e todo cavaleiro um diabo. Afinal acostumei-me a ver que eram passageiros de um dia. Outros me metiam mais medo, eram os que vinham dentro da luva das amigas. Creio que houve duas ou três negociações dessas, mas sem resultado. Quintília declarou que nada faria sem consultar o tio, e o tio aconselhou a recusa, — coisa que ela sabia de antemão. O bom velho não gostava nunca da visita de homens, com receio de que a sobrinha escolhesse algum e casasse. Estava tão acostumado a trazê-la ao pé de si, como uma muleta da velha alma aleijada, que temia perdê-la inteiramente.

— Não seria essa a causa da isenção sistemática da moça?

— Vai ver que não.

— O que noto é que o senhor era mais teimoso que os outros...

— ...Iludido, a princípio, porque no meio de tantas candidaturas malogradas, Quintília preferia-me a todos os outros homens, e conversava comigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casávamos.

— Mas conversavam de quê?

— De tudo o que ela não conversava com os outros; e era de fazer pasmar que uma pessoa tão amiga de bailes e passeios, de valsar e rir, fosse comigo tão severa e grave, tão diferente do que costumava ou parecia ser.

— A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a

dos outros homens.

— Obrigado; era mais profunda a causa da diferença, e a diferença ia-se acentuando com os tempos. Quando a vida cá embaixo a aborecia muito, ia para o Cosme Velho, e ali as nossas conversações eram mais frequentes e compridas. Não lhe posso dizer, nem o senhor compreenderia nada, o que foram as horas que ali passei, incorporando na minha vida toda a vida que jorrava dela. Muitas vezes quis dizer-lhe o que sentia, mas as palavras tinham medo e ficavam no coração. Escrevi cartas sobre cartas; todas me pareciam frias, difusas, ou inchadas de estilo. Demais, ela não dava ensejo a nada, tinha um ar de velha amiga. No princípio de 1857 adoeceu meu pai em Itaboraí; corri avê-lo, achei-o moribundo. Este fato reteve-me fora da Corte uns quatro meses. Voltei pelos fins de maio. Quintília recebeu-me triste da minha tristeza, e vi claramente que o meu luto passara aos olhos dela...

— Mas que era isso senão amor?

— Assim o cri, e dispus a minha vida para desposá-la. Nisto, adoeceu o tio gravemente. Quintília não ficava só, se ele morresse, porque, além dos muitos parentes espalhados que tinha, morava com ela agora, na casa da Rua do Catete, uma prima, D. Ana, viúva; mas, é certo que a afeição principal ia-se embora e nessa transição da vida presente à vida ulterior podia eu alcançar o que desejava. A moléstia do tio foi breve; ajudada da velhice, levou-o em duas semanas. Digo-lhe aqui que a morte dele lembrou-me a de meu pai, e a dor que então senti foi quase a mesma. Quintilia viu-me padecer, compreendeu o duplo motivo, e, segundo me disse depois, estimou a coincidência do golpe, uma vez que tínhamos de o receber sem falta e tão breve. A palavra pareceu-me um convite matrimonial; dois meses depois cuidei de pedi-la em casamento. D. Ana ficara morando com ela e estavam no Cosme Velho. Fui ali,achei-as juntas no terraço, que ficava perto da montanha. Eram quatro horas da tarde de um domingo. D. Ana, que nos presumia namorados, deixou-nos o campo livre.

— Enfim!

— No terraço, lugar solitário, e posso dizer agreste, proferi a primeira palavra. O meu plano era justamente precipitar tudo, com medo de que, cinco minutos de conversa me tirassem as forças. Ainda assim,

não sabe o que me custou; custaria menos uma batalha, e juro-lhe que não nasci para guerras. Mas aquela mulher magrinha e delicada impunha-se-me, como nenhuma outra, antes e depois...

— E então?

— Quintília adivinhara, pelo transtorno do meu rosto, o que lhe ia pedir, e deixou-me falar para preparar a resposta. A resposta foi interrogativa e negativa. Casar para quê? Era melhor que ficássemos amigos como dantes. Respondi-lhe que a amizade era, em mim, desde muito, a simples sentinel da amor; não podendo mais contê-lo, deixou que ele saísse. Quintília sorriu da metáfora, o que me doeu, e sem razão; ela, vendo o efeito, fez-se outra vez séria e tratou de persuadir-me de que era melhor não casar. — Estou velha, disse ela; vou em trinta e três anos. — Mas se eu a amo assim mesmo, repliquei, e disse-lhe uma porção de coisas, que não poderia repetir agora. Quintília refletiu um instante; depois insistiu nas relações de amizade; disse que, posto que mais moço que ela, tinha a gravidade de um homem mais velho e inspirava-lhe confiança como nenhum outro. Desesperançado, dei algumas passadas, depois sentei-me outra vez e narrei-lhe tudo. Ao saber da minha briga com o amigo e companheiro da academia, e a separação em que ficamos, sentiu-se, não sei se diga, magoada ou irritada. Censurou-nos a ambos, não valia a pena que chegássemos a tal ponto.

— A senhora diz isso porque não sente a mesma coisa. — Mas então é um delírio? — Creio que sim; o que lhe afianço é que ainda agora, se fosse necessário, separar-me-ia dele uma e cem vezes; e creio poder afirmar-lhe que ele faria a mesma coisa. Aqui olhou ela espantada para mim, como se olha para uma pessoa cujas faculdades parecem transformadas; depois abanou a cabeça, e repetiu que fora um erro; não valia a pena. — Fiquemos amigos, disse-me, estendendo a mão. — É impossível; pede-me coisa superior às minhas forças, nunca poderei ver na senhora uma simples amiga; não desejo impor-lhe nada; dir-lhe-ei até que nem mais insisto, porque não aceitaria outra resposta agora. Troucamos ainda algumas palavras, e retirei-me... Veja a minha mão.

— Treme-lhe ainda...

— E não lhe contei tudo. Não lhe digo aqui os aborrecimentos que tive, nem a dor e o despeito que me ficaram. Estava arrependido, zan-

gado, devia ter provocado aquele desengano desde as primeiras semanas, mas a culpa foi da esperança, que é uma planta daninha, que me comeu o lugar de outras plantas melhores. No fim de cinco dias saí para Itaboraí, onde me chamaram alguns interesses do inventário de meu pai. Quando voltei, três semanas depois, achei em casa uma carta de Quintília.

— Oh!

— Abri-a alvoroçadamente: datava de quatro dias. Era longa; aludia aos últimos sucessos, e dizia coisas meigas e graves. Quintília afirmava ter esperado por mim todos os dias, não cuidando que eu levasse o egoísmo até não voltar lá mais, por isso escrevia-me, pedindo que fizesse dos meus sentimentos pessoais e sem eco uma página de história acabada; que ficasse só o amigo, e lá fosse ver a sua amiga. E concluía com estas singulares palavras: “Quer uma garantia? Juro-lhe que não casarei nunca.” Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava um ao outro; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter. Éramos dois sócios, que entravam no comércio da vida com diferente capital: eu, tudo o que possuía; ela, quase um óbolo. Respondi à carta dela nesse sentido; e declarei que era tal a minha obediência e o meu amor, que cedia, mas de má vontade, porque, depois do que se passara entre nós, ia sentir-me humilhado. Risquei a palavra ridículo, já escrita, para poder irvê-la sem este vexame; bastava o outro.

— Aposto que seguiu atrás da carta? É o que eu faria, porque essa moça, ou eu me engano ou estava morta por casar com o senhor.

— Deixe a sua fisiologia usual; este caso é particularíssimo.

— Deixe-me adivinhar o resto; o juramento era um anzol místico; depois, o senhor, que o recebera, podia desobrigá-la dele, uma vez que aproveitasse com a absolvição. Mas, enfim, correr à casa dele.

— Não corri; fui dois dias depois. No intervalo, respondeu ela à minha carta com um bilhete carinhoso, que rematava com esta ideia: “não fale de humilhação, onde não houve público”. Fui, voltei uma e mais vezes e restabeleceram-se as nossas relações. Não se falou em nada; ao princípio, custou-me muito parecer o que era dantes; depois, o demônio da esperança veio pousar outra vez no meu coração; e, sem

nada exprimir, cuidei que um dia, um dia tarde, ela viesse a casar comigo. E foi essa esperança que me retificou aos meus próprios olhos, na situação em que me achava. Os boatos de nosso casamento correram mundo. Chegaram aos nossos ouvidos; eu negava formalmente e sério; ela dava de ombros e ria. Foi essa fase da nossa vida a mais serena para mim, salvo um incidente curto, um diplomata austríaco ou não sei que, rapagão, elegante, ruivo, olhos grandes e atrativos, e fidalgo ainda por cima. Quintília mostrou-se-lhe tão graciosa, que ele cuidou estar aceito, e tratou de ir adiante. Creio que algum gesto meu, inconsciente, ou então um pouco da percepção fina que o céu lhe dera, levou depressa o desengano à legação austríaca. Pouco depois ela agradeceu; e foi então que a nossa intimidade cresceu de vulto. Ela, enquanto se tratava, resolveu não sair, e isso mesmo lhe disseram os médicos. Lá passava eu muitas horas diariamente. Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma coisa; a maior parte das vezes conversávamos somente. Foi então que a estudei muito; escutando as suas leituras vi que os livros puramente amorosos achava-os incompreensíveis, e, se as paixões aí eram violentas, largava-os com tédio. Não falava assim por ignorante; tinha notícia vaga das paixões, e assistira a algumas alheias.

— De que moléstia padecia?

— Da espinha. Os médicos diziam que a moléstia não era talvez recente, e ia tocando o ponto melindroso. Chegamos assim a 1859. Desde março desse ano a moléstia agravou-se muito; teve uma pequena parada, mas para os fins do mês chegou ao estado desesperador. Nunca vi depois criatura mais enérgica diante da iminente catástrofe; estava então de uma magreza transparente, quase fluida; ria, ou antes, sorria apenas, e vendo que eu escondia as minhas lágrimas, apertava-me as mãos agradecida. Um dia, estando só com o médico, perguntou-lhe a verdade; ele ia mentir, ela disse-lhe que era inútil, que estava perdida.

— Perdida, não, murmurou o médico. — Jura que não estou perdida?
 — Ele hesitou, ela agradeceu-lho. Uma vez certa que morria, ordenou o que prometera a si mesma.

— Casou com o senhor, aposto?

— Não me relembre essa triste cerimônia; ou antes, deixe-me relembrá-la, porque me traz algum alento do passado. Não aceitou recu-

sas nem pedidos meus; casou comigo à beira da morte. Foi no dia 18 de abril de 1859. Passei os últimos dois dias, até 20 de abril ao pé da minha noiva moribunda, e abracei-a pela primeira vez feita cadáver.

— Tudo isso é bem esquisito.

— Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente física. Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, sequer, mas acrescente divino.

Reflexões

O conto “A desejada das gentes”, de Machado de Assis, apresenta a história de uma moça muito bonita, com muitos admiradores, mas que nunca aceitou um pedido de casamento. Ninguém entendia a razão desse comportamento, não podiam imaginar que, na verdade, ela não se entregava por medo de sofrer.

A jovem conhecia histórias tristes de outras pessoas e temia passar pelas mesmas experiências. Por meio desse conto, percebemos como as experiências vividas pelos outros podem nos afetar e nos aprisionar, como aconteceu com Eveline, do conto de James Joyce, e com Quintília, personagem de Machado de Assis.

Apresentamos agora uma passagem da obra *Guerra e Paz*, de Tolstói. Diferentemente das outras histórias, vemos um personagem que sente em sua alma como o amor poderia tornar ele um homem melhor. Nicolai vive o amor como uma possibilidade de crescer e amadurecer ao lado de Mária.

As histórias tristes são temas dos grandes escritores, eles sabem que, ao relatar essas histórias, nos ajudam a compreender o que impediu as personagens de viverem o amor. Agrupamos essas narrativas com os capítulos de *Guerra e Paz* em que os personagens estão preparados para o amor. Todas essas histórias da literatura também se manifestam na vida e em nosso cotidiano encontramos essas pessoas, que estão aprisionadas ou que vivem o amor com todas as suas complexidades. Sentimos a necessidade de falar de todas essas histórias porque acreditamos que o amor também pode ser aprendido. O amor não afeta apenas a vida individual das pessoas, afeta também a vida em sociedade. Como diz Platão, na obra *O Banquete*, o amor infunde coragem aos amantes e nas sociedades democráticas onde as lideranças valorizam o amor não há espaço para a tirania:

De sorte que se fosse possível formar, por algum modo, um Estado ou um exército exclusivamente composto de amantes e amados, assim se obteria uma constituição política insuperável, pois ninguém faria o que fosse desonesto, e todos, naturalmente, se estimulariam para a prática de belas coisas.



Guerra e Paz: Nicolai e Maria

Liev Tolstói

Apresentação

Nesta obra, encontramos uma passagem que nos ajuda a entender a força e os efeitos do amor. Nicolai descreve o momento em que é tomado de encantamento ao ver Mária rezando. Há algum tempo admirava suas qualidades morais, mas ao vê-la entregue de corpo e alma à sua fé é tomado por uma atração irresistível, a jovem irradiava uma luz que a envolvia por inteiro e a tornava belíssima.

Mária aparecia envolta por uma áurea de mistério que o arrebatava, ao mesmo tempo em que se dava conta de que nunca sentira algo parecido por Sônia, e percebe que não poderia manter o compromisso com a noiva, a quem não amava como uma mulher merece ser amada.

Algum tempo depois, Nicolai encontra-se com Mária e ao olhar para ela a vê envolta por aquela mesma aura de luz, que a transformava em uma mulher linda e sedutora: “Seu rosto desde o instante em que Nicolai entrou, transfigurou-se subitamente. Da mesma forma como na lâmpada de vidro pintada e entalhada, quando sua luz interna é acesa, projeta de repente nas paredes, com uma beleza inesperada e fulminante...”

E para além da atração e fascínio que Mária lhe despertava, Nicolai descobre que ao seu lado podia se tornar um homem melhor.

Capítulo VI – Guerra e Paz, livro 2, tomo 4, primeira parte

(...) Ao chegar a Moscou depois de seu encontro com Rostóv, a princesa Mária encontrou lá seu sobrinho com o preceptor e uma carta do príncipe Andrei, indicando o caminho que ela devia seguir para chegar a Voróniej e encontrar a tia Malvíntseva. Os afazeres da partida, a preocupação com o irmão, a organização da vida numa casa nova, pessoas novas, a educação do sobrinho – tudo isso havia sufocado na alma da princesa Mária aquele sentimento parecido com uma tentação que a atormentava desde o tempo da doença e da morte do pai e sobretudo após o encontro com Rostóv. Ela estava triste. Agora, depois de passar um mês em condições tranquilas de vida, a tristeza pela perda do pai, que em sua alma se associava à ruína da Rússia, se tornava cada vez mais forte. Estava angustiada: a ideia dos perigos que rondavam seu irmão – a única pessoa próxima que lhe restava – a atormentava sem cessar. Vivia preocupada com a educação do sobrinho, tarefa para a qual se sentia constantemente incapaz; porém no fundo de sua alma ela estava em paz consigo mesma, uma paz que provinha da consciência de que havia esmagado dentro de si os sonhos e os desejos pessoais ligados ao surgimento de Rostóv.

Quando, no dia seguinte ao seu saraú, a governadora foi à casa de Malvíntseva e, depois de falar com a tia a respeito de seus planos (e ressalvar que, apesar de ser impossível sequer pensar num pedido formal de casamento naquelas circunstâncias, mesmo assim era possível aproximar os jovens, permitir que se conhecessem), e quando, após receber a aprovação da tia, a governadora falou sobre Rostóv em presença da princesa Mária, elogiou-o e contou como ficou vermelho quando ela mencionou a princesa – a princesa Mária não experimentou nenhuma alegria, e sim um sentimento de mal-estar: sua paz interior não existia mais, e de novo se erguiam os desejos, as dúvidas, as acusações e as esperanças.

Nos dois dias seguintes a essa conversa, dias que antecederam a visita de Rostóv, a princesa Mária não parou de pensar em como devia se comportar em relação a Rostóv. Ora decidia que não sairia para a sala quando ele estivesse na casa da tia, que em seu luto fechado seria inde-

cente receber visitas; ora achava que isso era uma grosseria em face do que Rostóv havia feito para ela; ora lhe vinha à cabeça a ideia de que a tia e a governadora tinham feito planos a respeito dela e de Rostóv (os olhares e as palavras das duas pareciam, às vezes, confirmar tal suposição); ora a princesa dizia para si que só ela, com sua depravação, poderia pensar tal coisa sobre as duas: elas não poderiam esquecer que, em sua situação, quando ainda não havia retirado da gola as fitas de luto, uma tal iniciativa matrimonial seria ofensiva para ela e também para a memória de seu pai. Na hipótese de ela vir para a sala ao encontro dele, a princesa Mária imaginava as palavras que ele lhe diria e as que ela lhe diria; e tais palavras lhe pareciam ora injustamente frias, ora dotadas de uma importância excessiva. O que mais temia no caso de encontrar-se com Rostóv era o constrangimento que achava que ia tomar conta dela e que se faria visível tão logo estivesse em presença dele.

Mas quando, no domingo após a missa, o lacaio veio à sala comunicar que o conde Rostóv havia chegado, a princesa não manifestou nenhum constrangimento; apenas um leve rugor tomou suas faces, e os olhos brilharam com uma luz nova e radiante.

— A senhora esteve com ele, Titia? — perguntou a princesa Mária com voz tranquila, sem saber ela mesma como conseguia se mostrar exteriormente tão calma e natural.

Quando Rostóv entrou na sala, a princesa abaixou a cabeça por um momento, como que para dar tempo ao visitante de cumprimentar a tia, e depois, na hora em que Nicolai se dirigiu a ela, ergueu a cabeça e, com os olhos brilhantes encontrou seu olhar. Com um movimento gracioso e cheio de dignidade, ela se ergueu e ligeiramente, com um sorriso alegre, estendeu-lhe a mão fina, delicada, e começou a falar com uma voz em que vibraram pela primeira vez sons femininos e novos, que vinham do peito. Mlle Bourienne, que estava na sala, olhou para a princesa Mária com admiração e espanto. Nem a mais hábil sedutora poderia fazer uma manobra melhor, num encontro com um homem a quem era preciso agradar.

“Ou o preto lhe cai muito bem, ou de fato ficou mais bonita, e eu não percebi. E acima de tudo, que trato e que graça”, pensou a Mlle Bourienne.

Se a princesa Mária estivesse em condições de refletir naquele momento, ficaria ainda mais admirada do que Mlle Bourienne com a transformação que nela ocorria. Desde o minuto em que viu o rosto atraente e querido, uma nova força de vida tomou conta dela e obrigou-a para além de sua vontade, a falar e agir.

Seu rosto, desde o instante em que Rostóv entrou, transfigurou-se subitamente. Da mesma forma como na lâmpada de vidro pintado e entalhado, quando sua luz interna é acesa, projeta de repente nas paredes, com uma beleza inesperada e fulminante, seu complexo trabalho artístico que antes parecia tosco, escuro e sem sentido, assim também se transfigurou de repente o rosto da princesa Mária. Pela primeira vez, todo o puro trabalho espiritual interior que ela vivenciara até então se manifestou exteriormente. Todo o seu trabalho interior, sua insatisfação consigo, seu sofrimento e aspiração ao bem, a docilidade, o amor, o alto sacrifício – tudo brilhava agora naqueles olhos radiantes, no sorriso sutil, em todos os traços de seu rosto meigo.

Rostóv percebia tudo isso de modo tão claro como se já conhecesse a vida dela inteira. Sentia que a criatura a sua frente era totalmente distinta e melhor do que todas as que havia conhecido até então, e sobretudo melhor do que ele mesmo.

A conversa foi a mais simples e real possível. Falaram sobre a guerra e, como todos, não puderam deixar de exagerar sua tristeza com aquele fato, falaram sobre o último encontro, e nesse ponto Nicolai tentou mudar de assunto, falaram da simpática governadora, sobre os familiares de Nicolai e da princesa Mária.

A princesa Mária não falou do irmão, desviou a conversa para outro tema assim que a tia começou a falar sobre o Andrei. Era visível que ela podia falar fingidamente sobre os infortúnios da Rússia, mas seu irmão era um assunto demasiado próximo a seu coração, e ela não podia falar dele de modo leviano. Nicolai percebeu isso, assim como, uma perspicácia de observação estranha a ele, percebia em geral todas as nuances da personalidade da princesa Mária, as quais só vinham confirmar sua convicção de que ela era uma criatura completamente única e extraordinária. Nicolai, exatamente da mesma forma que a princesa Mária, ficava vermelho e embaraçado quando alguém lhe

falava sobre a princesa e até quando pensava nela, mas em sua presença sentia-se perfeitamente livre e falava não o que havia preparado de antemão, mas aquilo que lhe vinha à cabeça no momento, e sempre era algo pertinente.

Durante uma breve visita de Nicolai, num momento de silêncio como sempre acontece onde há crianças, Nicolai voltou-se para o pequeno filho do príncipe Andrei, o acariciou e perguntou se queria ser um hussardo. Segurou o menino nos braços, pôs-se a sacudi-lo sobre os joelhos e virou-se para a princesa Mária. Um olhar doce, feliz e tímido acompanhava o menino querido nos braços do homem querido. Nicolai também percebeu aquele olhar e, como se tivesse entendido seu significado, ruborizou-se de prazer e começou a beijar o garoto com alegria e contentamento.

A princesa Mária não saía de casa por estar de luto, e Nicolai não julgava apropriado visitá-la; apesar disto a governadora deu seguimento a sua função de casamenteira, transmitiu a Nicolai o elogio que a princesa Mária fizera a seu respeito, e vice-versa, e insistiu em que Rostóv devia declarar-se à princesa Mária. Com este fim, ela organizou um encontro entre os jovens na casa do arcipreste antes da missa.

Embora Rostóv dissesse à governadora que não faria nenhuma declaração à princesa Mária, prometeu ir.

Assim como em Tilsit, Rostóv não se permitira duvidar de que era bom aquilo que todos julgavam ser bom, também agora, após uma breve mas sincera luta entre a tentativa de construir sua vida segundo a própria razão e a submissão obediente às circunstâncias, ele optou pela última e rendeu-se ao poder que o arrastava não sabia para onde e “ele sentia” de modo irresistível. Nicolai sabia que depois de ter feito sua promessa a Sônia, declarar seu sentimento à princesa Maria seria o que ele chamaria de uma infâmia. E sabia que jamais cometaria uma infâmia. Mas sabia também “e nem tanto sabia como sentia no fundo de sua alma” que, rendendo-se agora ao poder das circunstâncias e das pessoas que as governam, ele não só não faria nada de ruim, como faria algo muito importante, mais importante do que qualquer outra coisa que havia feito na vida.

Depois do encontro com a princesa Mária, embora seu modo de

vida permanecesse exteriormente o mesmo, todos os prazeres de antes perderam seu encanto, e ele pensava muitas vezes na princesa Mária, mas nunca pensava nela como pensava em todas as jovens, sem exceção, que encontrava na sociedade, nem com o entusiasmo com que ele, tempos antes e por muito tempo, havia pensado em Sônia. Como quase todos os rapazes honestos, Nicolai pensava em todas as jovens da sociedade como futuras esposas e, na imaginação, encaixava-as em todas as circunstâncias de uma vida conjugal: um roupão branco, a esposa junto ao samovar, uma carroagem de mulher, criancinhas, manan e papa, a relação das crianças com ela etc. etc., e tais imagens do futuro lhe davam prazer; mas, quando pensava na princesa Mária, com quem desejavam casá-lo, Nicolai não conseguia imaginar nada de uma futura vida conjugal. Quando tentavam, o resultado era canhestro e falso. Ele apenas se sentia assustado.

A terrível notícia da batalha de Borodinó, de nossas baixas em mortos e feridos, e a notícia ainda mais terrível da perda de Moscou foram recebidas em Voróniej em meados de setembro. A princesa Mária, que só soube do ferimento do irmão pelos jornais e não tinha nenhuma notícia precisa sobre ele, estava se preparando para partir em busca do príncipe Andrei, pelo que Nicolai tinha ouvido dizer (ele mesmo não se encontrara mais com ela).

Ao receber a notícia da batalha de Borodinó e do abandono de Moscou, Rostov não experimentou desespero, raiva ou desejo de vingança e sentimentos semelhantes, mas em compensação tudo em Voróniej se tornou maçante, penoso, tudo parecia vergonhoso e opressivo. Todas as conversas que escutava lhe pareciam falsas; não sabia o que pensar de tudo aquilo e sentia que só quando voltasse ao regimento tudo ficaria claro de novo para ele. Apresou-se em concluir as aquisições dos cavalos e muitas vezes se irritava sem razão com seu criado e com seu sargento.

Alguns dias antes da partida de Rostov, celebrou-se na catedral uma missa de ação de graças pela vitória alcançada pelas tropas russas, e Nicolai foi à cerimônia. Ficou um pouco atrás do governador e se manteve até o fim com ar de austeridade militar, enquanto refletia sobre os assuntos mais diversos. Quando a cerimônia terminou, a governadora

o chamou.

— Você viu a princesa? — perguntou ela, apontando com a cabeça uma dama de preto que estava atrás do coro.

Nicolai reconheceu na mesma hora a princesa Mária, não tanto pelo seu perfil, que se distinguia embaixo do chapéu, mas pelo sentimento de cautela, medo e compaixão que o dominou de pronto. A princesa Mária, obviamente absorta nos próprios pensamentos, persignava-se pelas últimas vezes enquanto saía da igreja.

Nicolai fitou seu rosto com admiração. Era o mesmo rosto que vira antes, havia nele a mesma expressão simples de um sutil trabalho espiritual interior; mas agora estava iluminado de um modo totalmente distinto. Havia nele uma comovente expressão de tristeza, de prece e de esperança. Como acontecera antes com Nicolai em presença da princesa, ele, sem esperar a recomendação da governadora para ir ao encontro dela, sem perguntar a si mesmo se seria bom, apropriado, dirigir-se a ela ali na igreja, aproximou-se da princesa e lhe disse que tinha ouvido falar de seu desgosto e que compartilhava sua dor com toda a alma. Assim que ouviu a voz de Nicolai, uma luz radiosa acendeu no rosto da princesa, iluminando ao mesmo tempo sua tristeza e sua alegria.

— Eu só queria lhe dizer, princesa — falou Rostov —, que, caso o príncipe Andrei Nicoláevitch não estivesse vivo, como ele é comandante de um regimento, o jornal teria noticiado imediatamente.

A princesa olhou para ele sem compreender suas palavras, mas alegrou-se com a expressão de compaixão que havia em seu rosto.

— E também que, pelos muitos casos de que tenho conhecimento, sei que um ferimento com estilhaços (nos jornais se falava em granada), quando não é mortal de imediato, se revela uma coisa muito ligeira — disse Nicolai. — É preciso esperar pelo melhor, e estou convencido de que...

A princesa Mária interrompeu-o.

— Ah, seria uma coisa terrível... — começou ela e, sem concluir por causa da emoção, com um gesto gracioso (como tudo o que fazia dante dele), inclinou a cabeça, lançou um olhar de gratidão para Nicolai e seguiu na direção da tia.

Naquela noite, Nicolai não foi visitar ninguém e ficou em casa a

fim de acertar certas contas com os vendedores de cavalos. Quando terminou essa tarefa, já era tarde para ir a qualquer lugar, mas ainda era cedo para dormir, e Nicolai ficou andando de um lado para outro em seu quarto durante muito tempo, refletindo sobre sua vida, o que raramente acontecia com ele.

A princesa Mária produzira nele uma impressão agradável já em Smolensk. O fato de ter encontrado a princesa em tais circunstâncias e o fato de a mãe, certa vez, ter apontado justamente a princesa Mária como uma noiva rica levaram Nicolai a prestar uma atenção especial nela. Em Voróniej, por ocasião de sua visita, a impressão também foi não só agradável como forte. Nicolai ficou impressionado com a beleza moral, diferente, que notou na princesa dessa vez. No entanto ele se preparava para partir, e não passava pela sua cabeça a ideia de que iria lamentar deixar Voróniej e perder a chance de ver a princesa Mária. Mas o encontro com ela na igreja, naquele dia (Nicolai sentia isso), se cravara mais fundo em seu coração do que ele havia previsto, e mais fundo do que ele desejava, para a própria tranquilidade. O rosto pálido, fino, tristonho, o olhar radioso, os movimentos discretos, graciosos e acima de tudo o desgosto profundo e meigo que se exprimia em todas as suas feições o perturbavam e provocavam sua curiosidade. Nos homens, Rostov não tolerava ver a expressão de uma vida espiritual superior (por esse motivo não gostava do príncipe Andrei), e desdenhosamente chamava isso de filosofia, devaneio; mas na princesa Mária, justamente por causa daquele desgosto que revelava toda a profundidade de um mundo espiritual alheio a Nicolai, ele sentia uma atração irresistível.

“Que moça formidável deve ser! Igual a um anjo!”, dizia consigo. “Por que não sou livre? Por que fui tão apressado com a Sônia?” E sem querer fazia uma comparação entre as duas: em uma a pobreza e na outra a riqueza daqueles dons espirituais que Nicolai não tinha e aos quais, por isso mesmo, ele dava um valor tão alto. Experimentou imaginar o que aconteceria se fosse livre. De que modo faria seu pedido de casamento e como ela viria a ser sua esposa? Não, ele não conseguia imaginar isso. Ficava assustado e não conseguia visualizar nenhuma imagem clara. Com Sônia, havia muito que já formara um quadro do

futuro, e tudo era simples e claro, justamente porque tudo já tinha sido previsto e ele conhecia tudo o que existia em Sônia; mas com a princesa Mária era impossível imaginar uma vida futura, porque ele não a compreendia, só a amava.

Os devaneios sobre Sônia tinham algo de divertido, algo de jogo. Mas pensar na princesa Mária era sempre difícil e um pouco terrível.

“Como ela reza!”, lembrou Nicolai. “Era evidente que estava pondo toda a alma na prece. Sim, essa é a prece que remove montanhas, e estou convencido de que sua prece será atendida. Por que eu não rezо por aquilo de que preciso?”, lembrou Nicolai. “Do que preciso? De liberdade, de um rompimento com Sônia. Ela disse a verdade”, lembrou-se das palavras da governadora. “O que vou conseguir casando com Sônia é apenas gerar infelicidade. A confusão, a mágoa de maman... o dinheiro... a confusão, uma confusão terrível” E eu nem a amo. Sim, eu não a amo como é preciso. Meu Deus! Livre-me desta situação horrível, sem saída!”, começou a rezar de repente. “Sim, a prece remove montanhas, mas é preciso acreditar, e não rezar como fazíamos eu e Natacha quando éramos crianças e rezávamos para que a neve virasse açúcar e depois saímos correndo para fora de casa a fim de provar e ver se a neve tinha virado açúcar. Não, agora eu não estou rezando por essas besteiras”, disse ele, colocou de lado o cachimbo e, de mãos juntas, postou-se diante de um ícone. Enternecido com a lembrança da princesa Mária, começou a rezar como havia muito tempo não fazia. Tinha lágrimas nos olhos e na garganta, quando Lavruchka chegou à porta com alguns papéis.

— Idiota! Por que entra assim, se ninguém chamou? — disse Nicolai, rapidamente mudando de posição.

— Da parte do governador — disse Lavruchka, com voz sonolenta.

— Chegou o correio e tinha carta para o senhor.

— Está bem, obrigado, agora vá embora!

Nicolai pegou duas cartas. Uma era da mãe, a outra, de Sônia. Reconheceu as duas pela letra e abriu primeiro a carta de Sônia. Mal leu algumas linhas, seu rosto empalideceu, e seus olhos se arregalaram de susto e de alegria.

— Não, não é possível! — exclamou em voz alta. Incapaz de continuar

sentado onde estava, pôs-se a andar pelo quarto com a carta nas mãos, lendo-a. Correu os olhos pela carta, depois leu-a até o fim outra vez, mais uma e, de ombros erguidos e braços abertos, parou no meio do quarto, de boca aberta e olhos vidrados. Aquilo pelo qual tinha acabado de rezar, com a confiança em que Deus atenderia sua prece, havia se realizado; mas Nicolai estava espantado como se aquilo fosse algo extraordinário, como se jamais contasse com algo assim e como se justamente o fato de aquilo se realizar tão rapidamente comprovasse que não vinha de Deus, a quem tinha pedido, mas de uma coincidência banal.

O que parecia um nó impossível de desfazer, e que amarrava a liberdade de Nicolai, foi desfeito com aquela carta de Sônia, inesperada (assim parecia a Nicolai) e que nada havia provocado. Ela escrevia que as últimas circunstâncias infelizes, a perda de quase todos os bens dos Rostóv em Moscou, o desejo da condessa, manifestado muitas vezes, de que Nicolai casasse com a princesa Bolkónskaia, e o silêncio e a frieza de Nicolai nos últimos tempos – tudo isso somado a obrigava a decidir pelo cancelamento da promessa dele e a lhe dar plena liberdade.

“Seria muito penoso para mim pensar que posso ser uma causa de desgosto e de discórdia na família que me fez tanto bem”, escreveu ela, “e meu amor tem por único propósito a felicidade daqueles a quem amo; por isso imploro ao senhor, Nicolas, que se considere livre e saiba que, apesar de tudo, ninguém pode amá-lo com mais força do que sua Sônia”.

As duas cartas vinham de Tróitsa. A outra carta era da condessa. Na carta, descrevia os últimos dias em Moscou, a partida, o incêndio e a destruição de todo o patrimônio. Na carta, entre outras coisas, a condessa contava que o príncipe Andrei estava entre os feridos que viajavam junto com eles. Seu estado era muito grave, mas agora o médico dizia haver mais esperança. Sônia e Natacha, como enfermeiras, estavam cuidando dele.

No dia seguinte, com aquela carta, Nicolai foi ao encontro da princesa Mária. Nem Nicolai nem a princesa Mária disseram nenhuma palavra sobre o que poderiam significar as palavras “Natacha está cuidando dele”; mas graças àquela carta Nicolai de repente se aproximou

da princesa numa relação quase familiar.

No dia seguinte, Rostov acompanhou a princesa até Lároslav e, dias depois, ele mesmo partiu de volta para o seu regimento.

Reflexões

Em Nicolai e Mária, encontramos o tema do amor pelo desconhecido, pelo mistério que essa pessoa nos apresenta. Nicolai se apaixona por Mária ao vê-la rezando, ele percebe que naquele momento ela se conectava com o divino, com algo desconhecido que parecia estranho para ele, mas que fazia tudo nela se iluminar. A sensação de Nicolai era de que a conhecia desde sempre e, na presença dela, sentia que poderia ser uma pessoa melhor. Em contato com Mária as convenções desapareciam, porque ao pensar em sua vida com ela, o futuro lhe parecia misterioso, mas ainda assim algo íntimo os envolvia.

Nicolai se sensibilizou com a entrega de Mária à reza e sentiu um desejo profundo de se comunicar em oração com Sônia, sua noiva até então. Nicolai sabia que juntos não seriam mais felizes e, ao rezar, se comunicou com ela espiritualmente. Sônia, uma alma sensível, compreendeu a mensagem de Nicolai e percebendo que ele já não lhe escrevia há muito tempo, enviou uma carta devolvendo a ele a liberdade. Essa passagem nos apresenta uma realidade da vida: a dignidade na separação e é justamente nestes momentos tão dolorosos que nossas ações revelam nosso trabalho interior.

Os termos “paz interior” e “trabalho espiritual interior” aparecem com frequência neste trecho da obra Guerra e Paz. Mária cultivava essa paz interior, era uma mulher que rezava com fé e o que sentia vinha das profundezas do seu ser. Logo no início do texto a personagem Mária nos é apresentada como uma mulher que se preocupa com os outros. Ela pensa no irmão que está no campo de batalha, vivia o luto da morte do pai e se preocupava com a visita de Nicolai. Ela fica pensando no que poderia dizer e em como agir, mas no encontro com ele o que tinha planejado era esquecido, as palavras apareciam de forma espontânea e dela emergia o que havia de mais profundo. Na presença dele “pela primeira vez, todo o puro trabalho espiritual interior que ela vivenciara até então se manifestou exteriormente”.

Nicolai quando vê a intensidade de Mária percebe que a relação que tinha com Sônia era pautada nas convenções e no encontro com Mária é impossível permanecer nessa superficialidade. No texto de Rainer

Maria Rilke, do livro Cartas a um jovem poeta, o autor reforça a ideia de que o amor é um encontro de energias que juntas criam infinitas possibilidades de vida, até então desconhecidas.

Roma, 14 de maio de 1904

Meu caro senhor Kappus,

(...) As pessoas (com o auxílio de convenções) resolveram tudo da maneira mais fácil e pelo lado mais fácil da facilidade; contudo é evidente que precisamos nos aferrar ao que é difícil; tudo o que vive se aferra ao difícil, tudo na natureza cresce e se defende a seu modo constituindo sua própria identidade, procurando existir a qualquer preço e contra toda resistência. Sabemos muito pouco, mas que temos de nos aferrar ao difícil é uma certeza que não nos abandonará. É bom ser solitário, pois a solidão é difícil; o fato de uma coisa ser difícil tem de ser mais um motivo para fazê-la.

Amar também é bom: pois o amor é difícil. Ter amor, de uma pessoa por outra, talvez seja a coisa mais difícil que nos foi dada, a mais extrema, a derradeira prova e provação, o trabalho para o qual qualquer outro trabalho é apenas uma preparação. Por isso as pessoas jovens, iniciantes em tudo, ainda não *podem* amar: precisam aprender o amor. Com todo o seu ser, com todas as forças reunidas em seu coração solitário, receoso e acelerado, os jovens precisam aprender a amar. Mas o tempo de aprendizado é sempre um longo período de exclusão, de modo que o amor é, por muito tempo, ao longo da vida, solidão, isolamento intenso e profundo para quem ama. A princípio, o amor não é nada do que se chama ser absorvido, entregar-se e se unir com uma outra pessoa. (Pois o que seria uma união do que não é esclarecido, do inacabado, do desordenado?) O amor constitui uma oportunidade sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo, tornar-se um mundo, tornar-se um mundo para si mesmo por causa de uma outra pessoa; é uma grande exigência para o indivíduo, uma exigência irres-

trita, algo que o destaca e o convoca para longe. Apenas neste sentido, como tarefa de trabalhar em si mesmos (“escutar e bater dia e noite”), as pessoas jovens deveriam fazer uso do amor que lhes é dado. A absorção e a entrega e todo tipo de comunhão não são para eles (que ainda precisam economizar e acumular por muito tempo); a comunhão é o passo final, talvez uma meta para a qual a vida humana quase não seja o bastante.

É aí que os jovens erram com frequência, gravemente: pelo fato de eles (faz parte de sua natureza não ter paciência alguma) se atirarem uns para os outros quando o amor vem, derramando-se da maneira como são, em todo o seu desgoverno, na desordem, na confusão... Mas o que deve resultar disso? O que a vida deve fazer desse acúmulo de equívocos a que eles chamam de união e gostariam de chamar de sua felicidade? E o futuro? Então cada um se perde por causa do outro e perde o outro e muitos outros que ainda desejariam surgir. Perdem-se as vastidões e as possibilidades, troca-se a aproximação e a fuga de coisas quietas, cheias de pressentimentos, por um desespero infrutífero do qual nada mais pode resultar; nada mais do que um pouco de náusea, desapontamento e pobreza, e com isso a salvação em uma das muitas convenções que estão disponíveis em grande número, como abrigos para todos nesse caminho extremamente perigoso. Nenhuma região da experiência humana é tão munida de convenções quanto essa: salva-vidas dos mais diversos, botes e boias; refúgios de todos os tipos foram criados pela compreensão comum, pois ela estava inclinada a considerar a vida amorosa como um prazer, por isso tinha de torná-la fácil, barata, inofensiva e segura, como são os prazeres públicos.

De fato, muitos jovens que amam de modo falso, ou seja, simplesmente entregando-se, sem preservar a solidão (a maioria não passará nunca disso), sentem a opressão de um erro e querem, de uma maneira própria e pessoal, tornar vivida e fértil a situação em que se precipitaram. Pois a sua natureza lhes diz que as questões do amor, de tudo o que é importante, são as que menos podem ser resolvidas abertamente, segundo um acordo qualquer; são perguntas íntimas feitas de uma pessoa para outra, perguntas que exigem em cada caso uma resposta nova, especial, apenas pessoal. Mas como é que eles poderiam encon-

trar uma saída em si mesmos, do fundo de sua solidão já desperdiçada, eles que se atiraram, que não se delimitam nem se diferenciam, e que portanto não possuem nada de próprio?

Os jovens tomam atitudes a partir de um desamparo comum e, quando querem evitar de boa vontade a convenção que se anuncia (por exemplo o casamento), caem nos braços de uma solução menos explícita, mas igualmente convencional e mortal. Pois tudo o que existe em torno deles é convenção; onde quer que se trate de uma comunhão precipitada e turva, todas as atitudes são convencionais. Toda relação resultante de tal mistura possui a sua convenção, mesmo que seja pouco usual (ou seja, imoral em sentido comum). Até a separação seria um passo convencional, uma decisão ocasional e impessoal sem força e sem frutos.

Quem observa com seriedade descobre que, assim como para a morte, que é difícil, também para o difícil amor não se reconheceu ainda nenhum esclarecimento, nenhuma solução, nem aceno, nem caminho. Para essas duas tarefas, que carregamos e transmitimos secretamente sem esclarecer, nunca se achará uma regra comum baseada em um acordo. Contudo, à medida que começamos a tentar a vida como indivíduos, essas grandes coisas se aproximam muito de nós, os solitários. As exigências que o difícil trabalho do amor impõe ao nosso desenvolvimento são sobre-humanas, e nós, como iniciantes, não podemos estar à altura delas. Mas se perseveramos e assumimos esse amor como uma carga e um período de aprendizado, em vez de nos perdermos em todo o jogo fácil e frívolo atrás do qual as pessoas se esconderam da mais séria gravidade de sua existência, talvez se perceba um pequeno avanço e um alívio para aqueles que virão muito depois de nós; e isso já seria muito.

No entanto, só chegamos no máximo a considerar objetivamente e sem preconceitos a relação de um indivíduo com outro indivíduo, e nossas tentativas de viver tais relacionamentos não têm nenhum modelo diante de si. Mesmo assim há, na própria passagem do tempo, algo que ajuda a nossa iniciação hesitante.

A menina e a mulher, em seu desdobramento novo e próprio, serão apenas de passagem imitadoras dos vícios e das virtudes masculinos

e repetidoras das profissões dos homens. Depois da incerteza dessas transições, o que se revelará é que as mulheres só passaram por todos esses sucessivos disfarces (muitas vezes ridículos) para purificar sua própria essência das influências deformadoras do outro sexo. As mulheres, nas quais a vida se instala e habita de modo mais imediato, frutífero e cheio de confiança, no fundo precisam ter se tornado seres humanos mais maduros, mais humanos do que o homem, pois ele não passa de um ser leviano, que é mergulhado sob a superfície da vida pelo peso de um fruto carnal, que menospreza, arrogante e apressado, aquilo que pensa amar. Essa humanidade da mulher, realizada em meio a dores e humilhações, virá à tona quando ela tiver se livrado das convenções do exclusivamente feminino nas transformações de sua situação exterior. E os homens, que hoje não a sentem vir ainda, serão surpreendidos e derrotados por essa humanidade. Um dia (já agora, especialmente nos países nórdicos, os indícios confiáveis a favor disso são eloquentes), um dia se encontrarão a menina e a mulher cujos nomes não significarão apenas uma oposição ao elemento masculino, mas algo de independente, algo que não fará pensar em complemento ou em limite, apenas na vida e na existência: o ser humano feminino.

Tal progresso transformará profundamente a vivência do amor, agora cheia de equívocos, trará alterações profundas (a princípio contra a vontade dos homens ultrapassados), configurando uma relação de ser humano com ser humano, não mais de homem e mulher. E esse amor mais humano (que se realizará de modo infinitamente delicado e discreto, certo e claro, em laços atados e desatados) será semelhante àquele que nós preparamos, lutando com esforço, portanto ao amor que consiste na proteção mútua, na delimitação e saudação de duas solidões.

E ainda isto: não creia que aquele grande amor que um dia se impôs ao senhor, quando garoto, perdeu-se. Será possível saber com certeza se, naquele tempo, não amadureceram grandes e belos desejos, propósitos dos quais o senhor vive ainda hoje? Acredito que aquele amor permanece tão forte e intenso em sua lembrança porque foi sua primeira solidão profunda, o primeiro trabalho íntimo com que o senhor elaborou sua vida.

Tudo de bom, caro senhor Kappus!
Seu,

Rainer Maria Rilke

Em diálogo com as ideias apresentadas por Rilke, no texto “É preciso aprender a amar”, Nietzsche compara o processo do amor com o do domínio musical. Ele diz que precisamos deixar a música desconhecida nos penetrar e que por mais que ela pareça estranha precisamos de paciência para que se revele sua beleza:

É preciso aprender a Amar

Friedrich Nietzsche – A Gaia Ciência

Eis o que nos acontece no domínio musical: é preciso antes de tudo aprender a ouvir uma figura, uma melodia, saber discerni-la com o ouvido, distingui-la, isolá-la e delimitá-la enquanto vida para si: em seguida é preciso esforço e boa vontade para suportá-la, apesar de sua estranheza, usar a paciência para seu aspecto e sua expressão, ternura pelo que ela tem de singular; – vem enfim o momento em que nos habituamos a ela, em que nós a esperamos, em que sentimos que nos faria falta, caso se ausentasse e daí em diante ela não deixa de exercer sobre nós sua imposição e sua fascinação, até que tenha feito de nós seus amantes humildes e maravilhados, que não concebem melhor coisa no mundo e só deseja a ela e mais nada.

Porém não é só na música que isso nos acontece: é justamente assim que aprendemos a amar todas as coisas que agora amamos. Acabamos sempre por ser recompensados por nossa boa vontade, nossa paciência, nossa equidade, nossa ternura com a estranheza, pelo fato de que a estranheza pouco a pouco se desvende e venha se oferecer a nós como nova e indivisível beleza: aí está a sua gratidão por nossa hospitalidade.

Quem ama a si mesmo só pode ter chegado a isso por este caminho: não há outro. Também se deve aprender a amar.

Através da música aprendemos a amar e por meio dela também é possível se libertar da superficialidade das relações humanas. Nas palavras de Rudiger Safranski:

“(...) É a loucura da superficialidade que causa as feridas que Nietzsche espera ver curadas pela música. ‘Se então’, escreve Nietzsche, ‘numa humanidade ferida desta maneira, a música dos nossos mestres alemães ecoa, o que é que ecoa lá na verdade? E mesmo o sentimento certo, o inimigo de todas as convenções, de todo estranhamento artificial e de toda incompreensão entre um homem e outro: essa música é o regresso à natureza, ao mesmo tempo em que ela é a purificação e a transformação da natureza; pois na alma dos homens mais amáveis surgiu a urgência daquele regresso, e na arte soa a natureza transformada em amor.’

O sentimento certo é para Nietzsche aquele que ele vê como um poder vital mítico (...). Já os românticos o tinham colocado em evidência, Friedrich Schlegel por exemplo, quando gritou contra a cultura diária prosaica do racionalismo: ‘O tempo chegou... todos os mistérios podem se revelar!’ Ele estava falando dos mistérios (...) da sensualidade espiritual e do belo caos. Uma espécie de união ébria com a substância do mundo, com o segredo do ser criador.”

O Instituto Fernand Braudel

O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial é um think tank e um do tank, fundado em 1987 com a missão de buscar formas de superar os problemas institucionais que inibem o desenvolvimento no Brasil. Sua atuação se dá por meio de pesquisas, seminários e ações sociais. Com nosso nome, homenageamos Fernand Braudel (1902-1985), grande historiador francês e um dos fundadores da Universidade de São Paulo; seu trabalho celebra o poder do mercado como força no desenvolvimento humano.

Realizamos pesquisas e debates públicos sobre gestão e políticas públicas, crises financeiras, comércio, energia e instituições democráticas. Desenvolvemos ações que contribuem para o avanço da sociedade em: educação, saúde, segurança pública, na formação de consensos sobre responsabilidade fiscal e estabilidade monetária e na focalização das prioridades nos investimentos em infraestrutura. Nossas pesquisas concentram-se na publicação do Braudel Papers, jornal de pesquisa e opinião editado em português, inglês e espanhol. A Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) generosamente se associa à nossa missão.

O Programa Círculos de Leitura

Desde o ano 2000, o Programa Círculos de Leitura do Instituto Braudel, em parceria com as redes públicas onde atua, promove o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do Ensino Fundamental II e Médio. A discussão de grandes obras da literatura brasileira e mundial, em grupo e em voz alta, estimula o desenvolvimento de diversas competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como empatia, cooperação, argumentação, comunicação e autoconhecimento, ampliando o repertório cultural dos jovens.

O Programa incentiva o protagonismo juvenil, pois são os jovens multiplicadores formados na metodologia dos Círculos de Leitura que conduzem os grupos em suas escolas. Estes alunos formam novos multiplicadores entre seus pares, assegurando a continuidade do Programa nas escolas.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COELHO, D. P.; VIANNA, V. L. L. A estrutura da hesitação: análise do conto “Eveline”, de James Joyce, segundo conceitos de Anthony Giddens. Literatura e Autoritarismo, n. 29, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X27271> Acesso em: 18 abr 2022.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

JOYCE, James. Eveline. In: JOYCE, James. Dublinenses. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PUGLIA, Daniel. Revelação e Paralisia em James Joyce. Crop (FFLCH/USP), v. 11, p. 89-94, 2006.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SAFRANSKI, Rüdiger. Romantismo: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

TOLSTÓI, Liev. Guerra e Paz. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

A literatura e a escrita são nossa herança em comum. Esse livro é um convite para nos aproximarmos, estamos a sua espera.

Escreva para nós: *circulosdeleitura@braudel.org.br*

Site
Instituto Braudel



Instagram do
Círculos de Leitura



Nosso Padlet





Programa
CÍRCULOS DE LEITURA
INSTITUTO FERNAND BRAUDEL
DE ECONOMIA MUNDIAL

INSTITUTO BRAUDEL
ASSOCIADO À FAAP

A think tank, and a do tank

Parceiros



Apoio Institucional



Instituto Vicky
e Joseph Safra



Realização



Patrocínios



VULCABRAS



StoneX™

Rodobens

SPLICE

DoalPlastic®
CONEXÕES PARA SANEAMENTO

**Natural
WAX***

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO

**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Rua Ceará 2, São Paulo - SP CEP 01243-010

Tel.: 11 3824-9633 E-mail: ifbe@braudel.org.br

Instagram: @ciculosdeleituraoficial

<https://www.site.braudel.org.br/>